

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

**Ex Libris
José Mindlin**

VICENTE DE CARVALHO

(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

ROSA, ROSA DE AMOR...

POEMA

NOVA EDIÇÃO

SÃO PAULO

1923

Desta edição fo-
ram tirados em
papel de linho
500 exemplares
todos numera-
dos e rubricados
pelo sector.

391

g. f. a. n. s. i. o. n. a. f. a. n. a. l. l.
eritor

“Com o *Rosa, rosa de amor...*, o nosso lirismo romantico-amoroso toma um novo aspecto, talvez o mais interessante, e por certo, o mais suave de todos.

O que distingue Vicente de Carvalho, ahí, é principalmente a sua sensibilidade finissima e a sua imponderavel delicadeza de expressão. Não ha nelle um vestigio sequer do vehemente erotismo, tão tropical, tão nosso, de resto, que faz de muitos, da maior parte dos versos de Olavo Bilac, por exemplo, como que appelos de Faunos insaciaveis...

Os seus cantos de amor não se revestem, nunca, de exuberancias vocabulares, de referencias atrevidas a

seios e braços nús, nem de escabrosas metaphoras provocantes.

Vicente de Carvalho, neste livro, é um irmão retardatário de Bernardim Ribeiro. Eis, sem duvida, a affirmativa que melhor lhe define o temperamento. Surprehendente, em verdade, o laço de parentesco espiritual que se estabelece, através de mais de cinco seculos, com uma força irresistivel, entre os periodos comovidos da *Menina e Moça*, e as estrophes tão emocionantemente sonoras da *Rosa, rosa de amor...*

Pela profunda e leve candidez da concepção; pela espiritualidade por assim dizer ambiente, nas suas paginas; pela ingenua, prestigiosa franqueza que o torna transparente e pela aza harmoniosa de sentimento que lhe dá vida, pelos seus traços mais distinctivos, em summa, o *Rosa, rosa de amor...* não é da idade, nem do logar em que surgiu, com o esplendor excepcional dum contraste...

E' até certo ponto,—póde-se affirmar sem impropriedade,—um phenomeno de atavismo literario. Nelle, Vicente de Carvalho é menos um brasileiro do que um portuguez, mas portuguez antigo, portuguez contemporaneo de D. Manuel, o Venturoso.

Para completar a illusão dessa contemporaneidade maravilhosa, o artis-

ta admiravel tem ainda a sua grande, a sua viva predilecção pelo mar, não só pelo mar em si mesmo, como pelo que o mar vagamente e irresistivelmente promette, de imprevisto, de glorioso e de heroico: os descobrimentos, as conquistas, os naufragios, a morte entre ondas ineditas e altas... A sua alma é a dum lusiada camoneano, daquelles formidaveis belluarios de vagalhões, que se não apavoraram nem mesmo deante da "disforme e grandissima estatura" de Adamastor...

Singularmente immunisada, a inspiração de Vicente de Carvalho funcionou insensivel ás influências do meio e do momento. Foi como si, ao compor o poema, se tivesse transferido, pelo milagre do sentimento, numa regressão phantastica, para a época a que pertence o seu espirito de onde voltou trazendo, crystallisado em versos, o reflexo dalgumas das tendencias romanticas mais adoraveis.

Rosa, rosa de amor... não é, pois, o que se costuma chamar um livro actual. Está mesmo duplamente deslocado, nesta zona e neste seculo... Mas isso não o prejudica em coisa alguma. Pelo contrario: dá-lhe até um accrescimo inesperado de valor.

Vive, plenamente, a vida magnifica da belleza pura e a sua inactua-

lidade typica é o melhor elogio da delicadeza de emoção do grande poeta paulista.

O amor, ideado ou vivido, geralmente, só produz obras d'arte notaveis quando é desgraçado, quando soffre. Isto ganhou, já, a apparencia de um axioma. Era, talvez, a intuição dessa lei que fazia a apaixonada e peccadora reclusa do Convento da Conceição, na Beja, escrever ao futil senhor de Chamilly, ha duzentos e tantos annos, este pedido allucinado: "Ama-me constantemente e faze-me padecer inda maiores males"...

No radioso romance de Gabriele D'Annunzio, *Forse che si forse che no*, uma das personagens principaes, Isabella Inghirami, cujo "viso era il viso stesso dell' amore, malato d'angoscia, simile a un fuoco che sotto la pioggia svenga e non si spenga", — Isabella reproduz, como um éco, a recommendação da freira portugueza: "L'amore ch'io amo, é quello che non si stanca di repetere: fammi piú male, fammi sempre piú male!"

O amor feliz é uma banalidade burgueza. Nivelá-se á chatice quotidiana. E', por certo, o supremo ideal da vida domestica. Mas, é quasi de todo inutil para a Arte.

Nas literaturas, principalmente, a felicidade amorosa apenas occupa os pontos subalternos. Nos vertices, bri-

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

